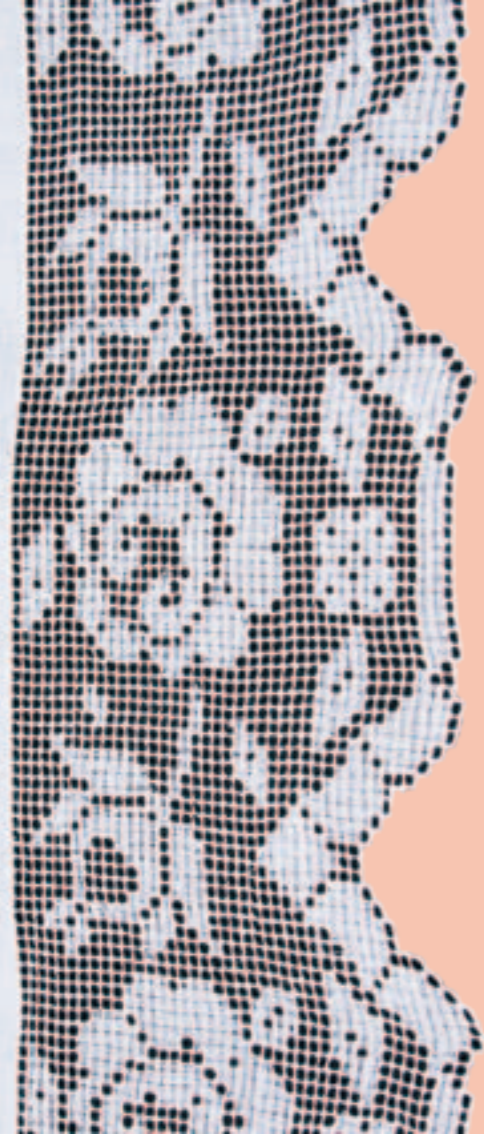


renda labirinto de Chã dos Pereira



renda labirinto de Chã dos Pereira

sala do artista popular **156** 2010
S A P MUSEU DE FOLCLORE EDISON CARNEIRO

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular
Iphan / Ministério da Cultura

Ministério da Cultura
Ministro: Juca Ferreira
Programa **Mais Cultura**

REALIZAÇÃO

**Associação de Amigos do Museu de
Folclore Edison Carneiro**
Presidente: Lygia Baptista Segala P. Beraba

**Instituto do Patrimônio Histórico e
Artístico Nacional**
Presidente: Luiz Fernando de Almeida

Departamento de Patrimônio Imaterial
Diretora: Márcia Sant'Anna

**Centro Nacional de Folclore e
Cultura Popular**
Diretora: Claudia Marcia Ferreira

**PARCERIA INSTITUCIONAL E
APOIO FINANCEIRO**

**Banco Nacional de Desenvolvimento
Econômico e Social**
Presidente: Luciano Coutinho

**Programa de Promoção do Artesanato
de Tradição Cultural - Promoart**
Coordenação técnica: Luciana Carvalho
Coordenação administrativa: Elizabete Vicari

Polo Renda labirinto de Chã dos Pereira
PARCERIA REGIONAL

Superintendência do Iphan na Paraíba
Superintendente: Eliane de Castro Machado Freire

APOIO LOCAL

Prefeitura Municipal de Ingá
Prefeito: Luís Carlos Monteiro (Lula)

parceria regional

Superintendência do
Iphan na **PARAÍBA**

apoio local

Prefeitura Municipal
de **INGÁ**

**parceria institucional
e apoio financeiro**

BNDES

realização



Ministério
da Cultura



Sala do Artista Popular

RESPONSÁVEL
Ricardo Gomes Lima

PROMOÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO
Magnum Moreira, Marylia Dias e Sandra Pires

PESQUISA E TEXTO
Wilmara Figueiredo

SUPERVISORA DO PROMOART NA PARAÍBA
Camila Henrique Santos

PRODUÇÃO/PROMOART
Alexandre Pimentel

EDIÇÃO E REVISÃO DE TEXTOS
Lucila Silva Telles
Ana Clara das Vestes

DIAGRAMAÇÃO
Rita Horta e Lígia Melges

FOTOGRAFIAS
Francisco Moreira da Costa

PROJETO DE MONTAGEM E
PRODUÇÃO DA MOSTRA
Luiz Carlos Ferreira

PRODUÇÃO DE TRILHA SONORA
Alexandre Coelho

R397	<p>Renda labirinto de Chã dos Pereira / pesquisa e texto de Wilmara Figueiredo.-- Rio de Janeiro : IPHAN, CNFCP, 2010.</p> <p>36 p. : il.-- (Sala do Artista Popular ; n. 156)</p> <p>ISSN 1414-3755</p> <p>Catálogo da exposição realizada no período de 11 de fevereiro a 7 de março de 2010.</p> <p>1. Labirinto (renda) – Paraíba. 2. Renda (técnica) – Paraíba. I. Figueiredo, Wilmara, org. II. Série.</p>
	CDU 746.22(813.3)

A Sala do Artista Popular, do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/CNFCP, criada em maio de 1983, tem por objetivo constituir-se como espaço para a difusão da arte popular, trazendo ao público objetos que, por seu significado simbólico, tecnologia de confecção ou matéria-prima empregada, são testemunho do viver e fazer das camadas populares. Nela, os artistas expõem seus trabalhos, estipulando livremente o preço e explicando as técnicas envolvidas na confecção. Toda exposição é precedida de pesquisa que situa o artesanato em seu meio sociocultural, mostrando as relações de sua produção com o grupo no qual se insere.

Os artistas apresentam temáticas diversas, trabalhando matérias-primas e técnicas distintas. A exposição propicia ao público não apenas a oportunidade de adquirir objetos, mas, principalmente, a de entrar em contato com realidades muitas vezes pouco familiares ou desconhecidas.

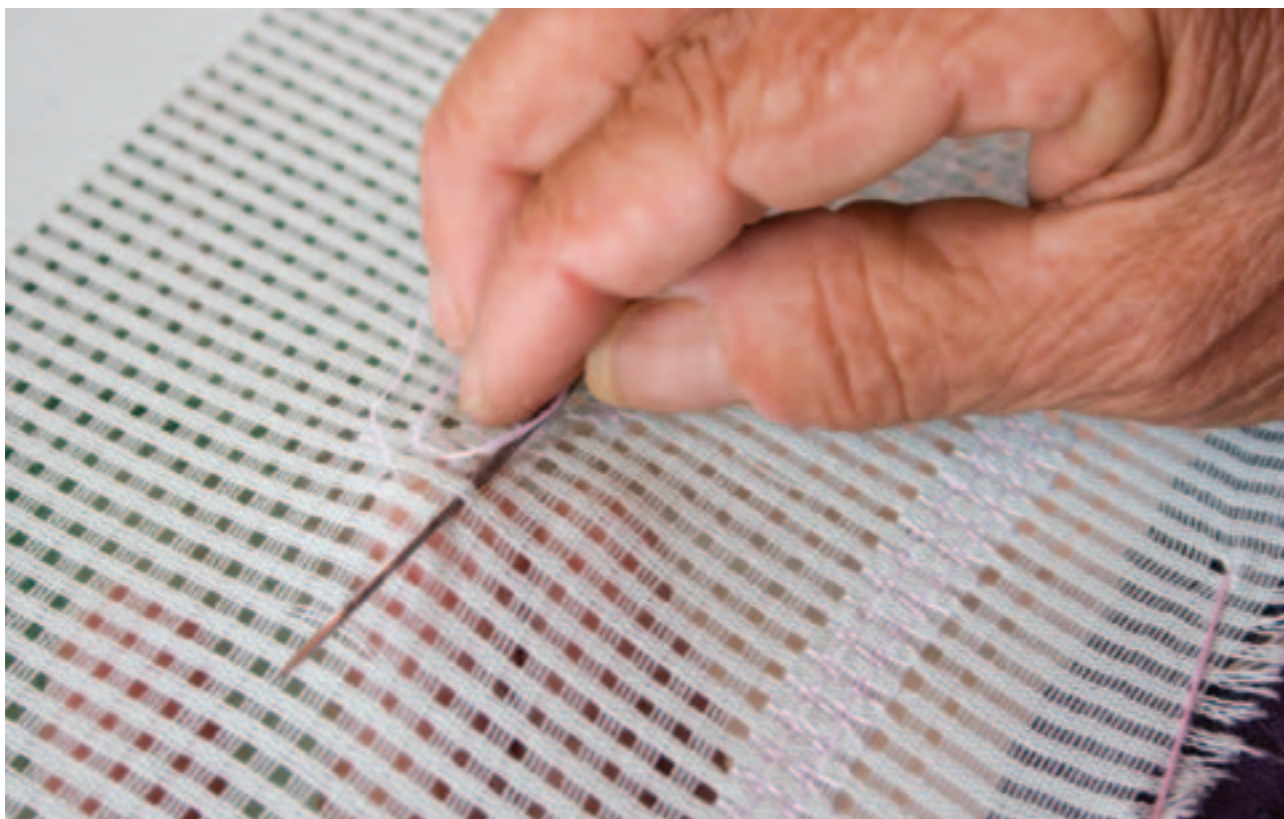
Em decorrência dessa divulgação e do contato direto com o público, criam-se oportunidades de expansão de mercado para os artistas, participando estes mais efetivamente do processo de valorização e comercialização de sua produção.

O CNFCP, além da realização da pesquisa etnográfica e de documentação fotográfica, coloca à disposição dos interessados o espaço da exposição e produz convites e catálogos, providenciando, ainda, divulgação na imprensa e pró-labore aos artistas no caso de demonstração de técnicas e atendimento ao público.

São realizadas entre oito e dez exposições por ano, cabendo a cada mostra um período de cerca de um mês de duração.

A SAP procura também alcançar abrangência nacional, recebendo artistas das várias unidades da Federação. Nesse sentido, ciente do importante papel das entidades culturais estaduais, municipais e particulares, o CNFCP busca com elas maior integração, partilhando, em cada mostra, as tarefas necessárias a sua realização.

Uma comissão de técnicos, responsável pelo projeto, recebe e seleciona as solicitações encaminhadas à Sala do Artista Popular, por parte dos artesãos ou instituições interessadas em participar das mostras.



O Programa de Promoção do Artesanato de Tradição Cultural – Promoart tem como foco o artesanato brasileiro de tradição cultural, ou seja, aquele que vem sendo produzido ao longo do tempo por diferentes grupos sociais e que tem como marca distintiva o profundo enraizamento na cultura local. Seu objetivo é, por meio do apoio direto aos grupos, promover o desenvolvimento desse setor da cultura e da economia brasileira, que, apesar de rico, permanece ainda pouco reconhecido e valorizado.

Estruturado a partir de um convênio entre a Associação Cultural de Amigos do Museu de Folclore Edison Carneiro e o Ministério da Cultura, integra o Programa Mais Cultura e realiza-se sob gestão conceitual e metodológica direta do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/ Departamento de Patrimônio Imaterial/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, com a participação do Museu do Índio/Funai no que tange a grupos indígenas. Em todo seu escopo, conta com a parceria institucional e o apoio financeiro do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES, e, nos planos regional e local, articula parceiros públicos, das esferas municipais e estaduais, e privados, além de organizações sociais.

Em sua fase de implantação, o programa abrange 65 polos distribuídos em todas as regiões do Brasil, os quais foram selecionados por especialistas dentre mais de 150 opções, tendo em vista a importância cultural e a alta qualidade de seu artesanato, além da variedade de

tipologias e técnicas envolvidas em sua produção. Ao longo de um ano, pretende beneficiar comunidades artesanais com investimentos diretos nas esferas de produção, comercialização e agregação de valor a produtos do artesanato brasileiro de tradição cultural.

Em diferentes estágios de organização, tais polos serão estratégicos para o estabelecimento das bases de uma política nacional de artesanato, a partir da qual o universo de abrangência do programa poderá ser progressivamente ampliado. Respeitando-se suas singularidades, em cada polo se desenvolverá um projeto específico, um plano de trabalho formulado com a participação de técnicos e artesãos, a partir de diagnósticos detalhados de suas potencialidades e necessidades, e da proposição conjunta de ações em busca da sustentabilidade econômica e social do artesanato.

LUIZ FERNANDO DE ALMEIDA
Presidente do Iphan



Renda labirinto de Chã dos Pereira

WILMARA FIGUEIREDO

Ingá é um pequeno município, localizado a pouco menos de 100km de João Pessoa, que obriga qualquer um a rever as ideias largamente difundidas acerca da vida no interior do Nordeste brasileiro. O que comumente se vê passar na TV, por exemplo, sobre as duras secas que castigam populações inteiras passa ao largo da realidade do lugar, apesar de estar incluído na zona geográfica de abrangência do semiárido brasileiro, segundo o Ministério da Integração Nacional (IBGE, 2009). Pertencente à mesorregião do Agreste Paraibano e à microrregião de Itabaiana, os domínios da cidade se espalham por uma área onde as montanhas e as chãs (nome local que designa os terrenos planos), devido à concentração das chuvas no primeiro semestre e aos numerosos rios, riachos e açudes que abastecem a região¹ e integram o Piemonte da Borborema, passam a maior parte do ano verdes.

Tanto verde e tanta água ganham tom especial quando se somam às rochas e serras que caracterizam o lugar. Dentre estas, merece destaque a Serra Velha, com 655m de altitude e localizada nas imediações do rio Surrão, onde se encontram furnas com pinturas rupestres de autoria de povos primitivos que por lá viveram. Porém, o cartão postal da cidade é a Pedra do Ingá: sítio arqueológico de gravuras rupestres localizado à beira do rio de mesmo nome, formado por inscrições bastante elaboradas e complexas, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional como Patrimônio Nacional em 30 de novembro de 1944 (Brito, 2008).

Tanto a Itacoatiara, nome também dado à pedra, como a Serra Velha são vistas pela população local como obras de extraterrestres e/ou lugares onde os portugueses que colonizaram a região escondiam *botijas*, potes com dinheiro ou ouro enterrados em locais revelados em sonhos e que teriam nas inscrições pistas da localização dos tesouros, segundo o imaginário coletivo.





Sobre a história desse município de 143 anos, conta-se que pelos idos de 1760 um colono português subiu o rio Tairaré (atual rio Surrão) e nos pés da Serra Velha montou a primeira fazenda de gado, que cresceu e se espalhou, originando o povoado. O nome², porém, teria vindo mais tarde, na década de 1880, quando tropeiros que percorriam os caminhos entre Pernambuco e João Pessoa paravam no local para descansar sob os inúmeros pés de ingá que existiam na região.

Atualmente, a sede da cidade possui uma infraestrutura básica razoável, oferecendo aos seus moradores e visitantes energia elétrica, rede de telefonia fixa e móvel, internet, correios, serviços bancários e médicos. As ruas são, em sua maioria, pavimentadas, há escolas da rede pública do ensino fundamental ao médio e água tratada e encanada, embora não haja esgoto sanitário. A proximidade da capital e de Campina Grande (distante cerca de 40km) facilita o acesso ao ensino superior e a um comércio mais amplo. O trânsito para essas cidades se dá pela rodovia federal BR-230, por meio de transporte escolar, no caso dos estudantes da Universidade de Campina Grande, e ônibus de linha ou carro fretado pelos demais transeuntes. Para a circulação interna, as pessoas se utilizam de bicicletas e mototáxis, sempre dis-

poníveis “a carregar gente, coisa e bicho”, como se fala por lá, para qualquer ponto da cidade.



O município possui aproximadamente 20 mil habitantes (IBGE, 2000), estando mais da metade desse contingente na zona urbana. Com IDH de 0,565 (PNUD), sua economia tem como principal base a agricultura de subsistência, com

o cultivo do feijão, fava, milho e mandioca, seguida de prestação de serviço no funcionalismo público, sendo, por isso, a prefeitura considerada o grande empregador local. Além disso, há a fábrica de alpercatas e a criação extensiva e para consumo próprio de bovinos e caprinos, como também das galinhas capoeiras, consideradas ícones da culinária local ao lado da tapioca, cuscuz, doces e compotas de frutas regionais. As casas mais antigas, contudo, por sua arquitetura peculiar, nos levam a crer que a cidade, hoje conformada num cotidiano mais simples, teve seus dias de glória, sobretudo na época do cultivo do algodão, o chamado “ouro branco”, cuja cultura foi destruída devido ao alastre da praga bicudo-do-algodoeiro.

Poucas opções de trabalho acabam induzindo muitos ingasenses a rumarem para a “cidade grande”. Durante as conversas, é comum escutar depoimentos e lembranças sobre maridos, filhos e outros parentes que passaram temporadas ou ainda estão no Rio de Janeiro e que mandam junto com as fotos e notícias algum dinheiro para ajudar no sustento de casa. Na zona rural³, o complemento do orçamento familiar vem do trabalho das artesãs da comunidade de Chã dos Pereira, que, desde um tempo que não conseguem precisar, transformam tecidos desfiados em labirinto.



A comunidade

Localizada numa das margens da BR-230, Chã dos Pereira é um distrito rural cerca de 13km distante da sede. O sobrenome de seus primeiros residentes dá nome ao lugar, ao qual se tem acesso por estrada vicinal recentemente iluminada, pavimentada e asfaltada. A comunidade encontra-se distribuída em uma área ligeiramente alta e plana, nas vizinhanças dos povoados de Pontina, Pedra d'Água e Lagoa dos

Cordeiros, além da Serra do Cruzeiro, ponto de pagamento de promessas e de realização de cultos católicos.

Bastante pacata, sem sinais de mendicância ou violência urbana, a comunidade conta com uma estrutura básica bastante adequada para os cerca de 1.500 moradores⁴. Possui escola com turmas dos ensinos fundamental e médio, “água tratada na torneira”, energia elétrica e telefonia fixa. O acesso à internet é realizado em duas *lan-houses*, e já há aqueles que dispõem do serviço em suas residências. O posto de saúde



funciona cinco horas por dia, quatro vezes na semana, e há cerca de cinco pequenas quitandas que vendem de frutas e verduras a utilidades do lar.

Acompanhar novelas, jogos e telejornais hoje já não é problema graças às antenas parabólicas. Antes disso, a telinha era disponível apenas na praça da igreja, datada de 1952 e consagrada a Nossa Senhora da Conceição, padroeira do lugar, servindo até hoje de base para reuniões, assembleias e festas comunitárias. Entretanto, para se utilizar de banco



ou correio, o jeito é se deslocar até a sede por meio dos transportes alternativos com horários fixos, cuja corrida de ida e volta custa cinco reais quando o veículo sai com a lotação completa. Do contrário, a alternativa é alugá-lo ou contar com o serviço dos poucos moto-taxistas.

Durante a visita realizada na primeira quinzena de setembro, a comunidade

ainda desfrutava das últimas chuvas do inverno, que favorecem o plantio da fava, milho, feijão e mandioca de modo a criar expectativas de uma produção farta o suficiente para garantir o sustento da família no período de estiagem, quando ainda se cultiva, porém com menos chances de êxito, além de ser mais trabalhoso e cansativo.

Durante o dia o clima se apresentava quente e com um nível de umidade confortável. A brisa constante ajudava a suportar o calor e a imensa claridade irradiados pela luz solar.

Já à noite a temperatura caía, obrigando os mais friorentos a recorrer algumas vezes aos agasalhos leves. “Mas aqui não é assim o ano todo não. Tem época, no verão, quando não chove, que é calor dia e noite. Tá assim porque estamos saindo do inverno ainda”, explicou gentilmente um morador enquanto consertava a rede de pesca no terraço de sua casa.

No dia da chegada, num primeiro momento tive a sensação de estar em uma cidade cenográfica, onde as ruas completamente vazias e quietas combinavam bem com a vista que se tinha para o açude e a gigantesca rocha que o beira.



Eram 12h30min. Todavia, à medida que o sol ia curvando, pouco a pouco iam se notando movimentos. As crianças com livros e cadernos iam para a escola. Os homens, carregando redes de náilon ou enxadas, pareciam voltar para a pesca e para a roça. Enquanto isso, as mulheres, escondendo-se debaixo de qualquer coisa que formasse sombra – casas, “puxadinhos” ou árvores –, estavam sempre munidas de bastidores, tesouras e agulhas. Outras enfrentavam o calor e o sol para estender longos lençóis ou colchas em estruturas de madeira em plena rua.

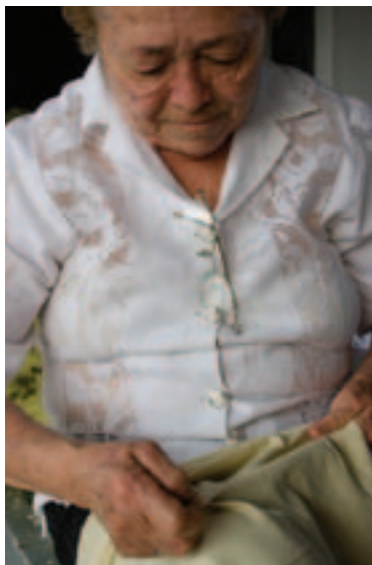


Vistos de perto, os lençóis – na verdade, peças de arte delicadamente decoradas com conjuntos de buraquinhos simétricos – configuram a chamada renda labirinto, técnica artesanal bastante refinada que consiste na produção de rendas a partir do desfiamento do tecido e posterior preenchimento dos sulcos com linha, dando origem a desenhos variados, e que tem em Chã dos Pereira um dos maiores expoentes da produção paraibana⁵.

Trabalho de mulher

Pouco se sabe sobre a “origem” do ofício. Na tentativa de delimitar um espaço de tempo em que é praticado, a referência utilizada pelas artesãs são as lembranças de suas mães e avós envoltas na lida com os numerosos filhos, a casa, a roça e o labirinto. Um dos indícios da tradicionalidade desse saber na região são as memórias de Severina Pedro de Andrade, considerada a maior referência na localidade desde a década de 1930, quando já fazia e vendia labirinto, “ainda no tempo em que dinheiro era tostão”, no dizer popular local.

Na memória das mulheres, porém, predomina a ideia de que a técnica tenha sido introduzida na localidade pelas esposas de estrangeiros que ali passaram uns dias, tendo ensinado para as moradoras do lugar. Ninguém, entretanto, sabe precisar sequer qual a nacionalidade das precursoras. Segundo Antonia Ribeiro de Mendonça, dona Tonha, 78 anos, artesã e professora primária aposentada, uma das *labirinteiras* mais antigas, com mais de 50 anos de ofício, é provável que o ofício tenha chegado ao Brasil com os portugueses e se difundido durante o Império, quando ainda era conhecido por “crivo”, conforme apren-



Dona Tonha

Essa síntese de dona Tonha traz importantes considerações do que seria o universo de trabalho local, não sendo à toa que elas destacam o labirinto como “trabalho de mulher”. A acuidade e delicadeza que a técnica exige, de acordo com os padrões locais, seria atributo exclusivamente feminino, ideia reforçada ainda pela importância econômica secundá-

deu com um casal da Ilha da Madeira que conheceu numa feira ocorrida no Rio de Janeiro.

O labirinto de Chã dos Pereira

O labirinto é como se fosse uma renda de agulha. A gente começa riscando o desenho, depois desfia, faz o enchimento, torce, perfila e lava. É um trabalho de mulher mesmo, entendeu?

ria do ofício. Assim, subentende-se que, além da produção da renda, elas garantem o sustento da família auxiliando o marido no universo de trabalho masculino, participando quase que de igual para igual, ao dividir tarefas e responsabilidades, como, por exemplo, no cultivo de alimentos. Isso quando não assumem inteiramente o papel de provedoras do lar na ausência de um “chefe de família por direito”, seja por morte, doença ou migração do companheiro para o Sudeste.

De natureza utilitária, as peças tradicionalmente produzidas são ternos (conjunto de colcha de casal e toalha), fronhas, panos d’água (usados para cobrir filtros), conjunto de fogão, toalhas de mesa e de mão, passadeiras, lençóis de vira, dentre outros de utilidade doméstica. Essa produção faz parte do universo de rendas e bordados paraibanos – no qual se inclui a renda renascença – e é facilmente encontrada nas residências das artesãs ou em algumas lojas de artesanato da capital e de Campina Grande, a preços que não atraem o público mais amplo, que costuma achar as peças caras, talvez por não conhecer o passo a passo dessa técnica complexa e totalmente manual, repassada de mãe para filha há gerações, e marcada por seis etapas distintas que requerem habilidades específicas que poucas dominam com completa segurança e destreza. Assim sendo, dificilmente uma mesma artesã

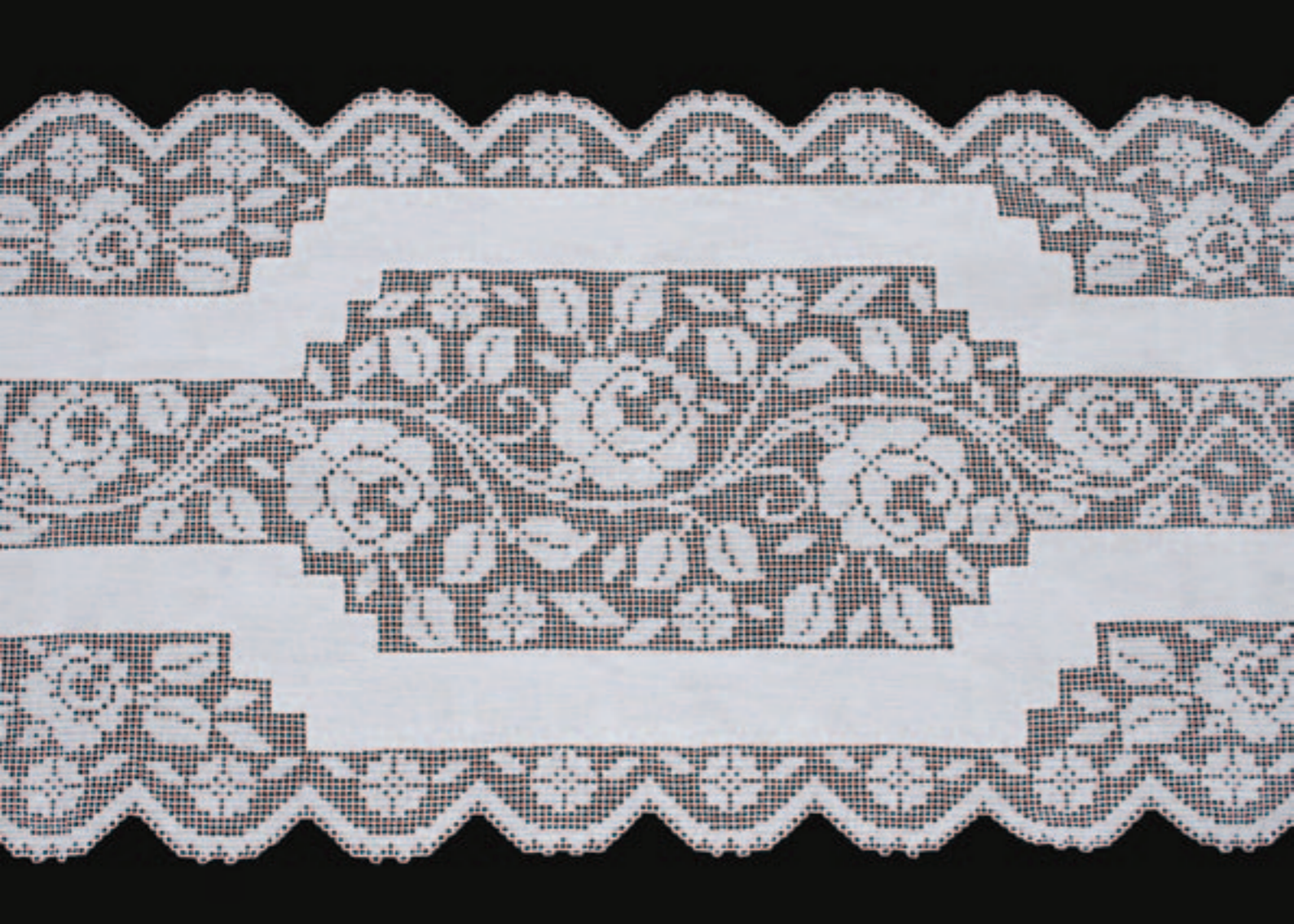


faz uma peça sozinha do começo ao fim, o que se traduz em divisão do trabalho entre elas, que contratam umas às outras para a realização de serviços em determinada fase sob preços previamente combinados de acordo com o grau de dificuldade e tamanho da peça a ser produzida.

A matéria-prima básica são tecidos passíveis de serem desfiados, como o linho, o linho irlandês, o testolene e a cambraia de linho, comprados facilmente no comércio de Campina Grande. Mas está na preferência das artesãs o

linhão, por ter o preço mais acessível, facilitando a aquisição e a venda. Por isso, peças nos outros panos devem ser encomendadas com antecedência.

Após a metragem, a primeira etapa é “riscar e desenhar” o tecido com o auxílio de carretilha e lápis próprios para marcar tecido. Maria das Dores Silva, 65 anos, aprendeu sozinha, quando criança, ao ver os papéis e moldes de antigas labirintei-ras. É uma das poucas mulheres da localidade que têm domínio dessa etapa, o que talvez se explique pelo lucro muito baixo.

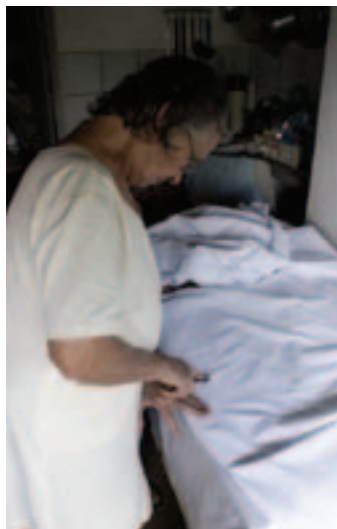


A gente cobra conforme o serviço. O riscado do conjunto de fogão [que tem quatro peças] eu estou cobrando R\$ 2,50. Mas eu já estou querendo aumentar pra R\$ 3,00 porque é muito trabalho, a gente fica com a coluna doendo, vista sofrida e pouco lucro.

Ainda assim, Maria das Dores, apesar de saber as outras fases, prefere só riscar. Diferente de como aprendera, hoje dispensa o papel e já faz as marcações direto sobre o tecido, com exceção da blusa, “que eu ainda uso porque os riscos são muito miúdos”, complementa. Em uma mesa, ela dobra o tecido em partes iguais e demarca as suas extremidades com alfinetes de modo a garantir o alinhamento de todas as camadas. Com a carretilha, vai dando início aos desenhos, que ficam profundamente decalcados devido à força que dá aos movimentos, cobrindo-os depois com lápis.



Normalmente eu faço ‘trevos’, ‘margaridas’ e ‘batentinhos’, mas a gente tem recebido incentivo desse pessoal de projetos, que traz pra gente moldes com outros desenhos, como os da Itacoatiara. Mas eu gosto mesmo desses antigos.



É hora então de “desfiar”. Nessa etapa as ferramentas são unicamente agulha e gilete ou estilete, com os quais as rendeiras vão desfiando cautelosamente o tecido, conferindo, puxando e cortando os “pauzinhos” (fios), sempre acompanhando os riscos do lápis, até que sejam obtidos pequenos buracos em formato de quadrado.

Tem que conferir os fios que saem e que ficam. Com a ponta da agulha, a gente confere e puxa os fios conforme os pontos que a gente quer, tendo que seguir os desenhos certinho, sem pular nada, senão sai errado e pra consertar dá muito trabalho. O ponto mais comum é dois por quatro, quando a gente deixa dois “pauzinhos” e tira quatro. Mas tem também o três por cinco e o cinco por sete, que é o mais

difícil de todos. Ai, com a gilete, a gente vai só cortando até a altura que a gente quer deixar. Não é difícil, é trabalhoso e precisa de cabeça fria. (Dona Tonha)

O tempo empenhado depende do tamanho da peça e das outras atividades cotidianas de cada uma. Em média, um pano de bandeja leva um dia, enquanto uma colcha de casal ou uma toalha de mesa grande chegam a durar uma semana para serem completamente desfiadas. Maria José de Oliveira, 49 anos, consegue produzir por dia, por exemplo, três costas de blusa, pelo que cobra três reais em cada. Mesmo



Dona Zezé e sua filha Gilmara desfiando

se ocupando nas outras etapas, à exceção do risco, dona Zezé não abre mão de pegar serviços com as colegas, inclusive de outros povoados, para incrementar ainda mais a renda familiar.

Embora igualmente trabalhosas como a anterior, as etapas seguintes são consideradas mais simples e praticamente todas as *labirinteiras* sabem fazer. São elas: o “enchimento”, que consiste na prática de preencher os quadradinhos resultantes do “desfiado” com linha esterlina branca, de modo a dar recheio aos desenhos com agulha; o “torcimento”, que é a união dos “pauzinhos” com linha kron na mesma cor do tecido; e, por fim, o “perfilar”, que consiste em arrematar toda a peça para que as linhas não se soltem. Para esses serviços os instrumentos de trabalho são a agulha e o bastidor, e o tempo investido nas três etapas juntas é muito variável. Mas estima-se que



Enchendo | Torcendo | Perfilandando

para “encher”, “torcer” e “perfilar” uma colcha de casal, por exemplo, sejam necessários de oito a 10 dias.

É o momento, então, de “lavar e espichar”. Maria Damásio Sousa, 66 anos, e Corina Félix de Sousa, 68, são consideradas as sumidades quando o assunto é mexer com as “grades”, estruturas de tábua, de tamanhos variados, em que são postos a secar os labirintos, depois de lavados e de passada a goma que os deixa esticados. Para o trabalho, são necessárias agulha de rede de pesca, linha de ráfia, força, prática e rapidez, o que, consente, vez por outra, a mão de obra masculina.

É pesado e de muita responsabilidade porque demanda força e prática. A gente pega o labirinto já todo pronto e lava para tirar as manchinhas e sujeiras e sobras da pintura do lápis usado para riscar o tecido. Depois de limpinho, a gente mergulha

essa toalha ou essa colcha numa mistura que leva goma de tapioca. Então, a gente pega a peça e vai esticando na “grade” e amarrando ela com agulhas grandes de fazer rede de pesca e linha de rãfia pelas beiradas. Meu filho às vezes me ajuda, fico eu numa ponta e ele do outro lado, fazendo junto. Tudo tem que ser muito rápido para não pesar e ela ficar toda esticada certinha. (Dona Corina)

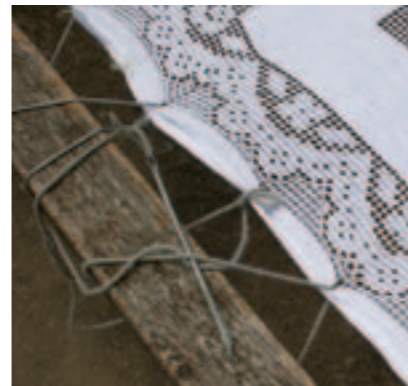


A lavagem não é pra todo mundo. É cheia de mistério. A “grade” tem que estar em perfeitas condições. Tem os preparos usados para cada qualidade de mancha e sujeira. Tem que saber a quantidade certa de goma para colocar. Tem que espichar no ponto certo. Tem tudo isso, senão o risco de dar errado é grande. Se esticar e tiver goma demais



ou de menos a peça entorta e pode ficar com defeito que não dá pra consertar. Ai o prejuízo fica pra gente, que tem que pagar a peça pronta. Mas o labirinto do começo ao fim é um serviço complicado. Complicado e de pouco valor. Numa toalha a gente pede R\$ 10,00. (Dona Gená)

Antigamente, passado o suspense e garantida a perfeição da peça, recortavam-se as sobras de modo a contorná-



la e fazer os “biquinhos”, deixando-a no ponto para o uso. Como ultimamente muitas pessoas têm recusado a oferta de labirinto já recortado por receio de que já tenha sido usado, essa etapa tem sido executada apenas na hora da entrega.

A Associação: sonhos e desafios da vida de labirinteira

A Associação das Artesãs Rurais de Chã dos Pereira é uma instituição que tem como objetivo principal garantir a melhoria das condições de trabalho e qualidade de vida das labirinteiras. Antes de sua formação, as mulheres trabalhavam individualmente, da compra da matéria-prima à busca por compradores, o que fragilizava ainda mais a classe. Um grupo de 12 mulheres, então, se juntou para discutir as necessidades das artesãs e logo perceberam que seria preciso



reunir forças para lutar pelos interesses comuns.

Atrás de fontes que pudessem incentivar a produção e a venda, perceberam que a formalização do grupo seria estratégia básica para atrair investimentos para a localidade. Assim, em 1993, foi fundada a Associação, que, graças ao apoio da Fundação Banco do Brasil, possui hoje uma sede logo na entrada do distrito, onde as labirinteiras costumam se reunir para conversar sobre projetos e atividades desenvolvidas com o aporte e apoio de outros investidores⁶. Desde então, as portas foram se abrindo para participação em feiras, cursos de capacitação e realização de oficinas, que as ajudaram a se organizar melhor e a ter maior consciência do valor de seu trabalho.

Mas ainda falta muito. Josefa Ferreira de Oliveira, dona Zefinha, a atual presidente, diz que a Associação passa por um período de instabilidade:

A nossa Associação vem passando por questões delicadas. Formalmente, nós somos 65 associadas, mas nem todas são assíduas e assumem seus compromissos e responsabilidades. A nossa sede está bastante deteriorada e uma das razões é a arrecadação de dinheiro para manutenção e cobertura de despesas. Não temos ponto de venda, nem nada que possa

identificar nossos produtos. As encomendas estão poucas e isso tudo vem desestimulando muita gente.

“Alguém sobrevive só do artesanato?” Essa foi a pergunta que trouxe à tona uma série de conflitos, dificuldades e questões relacionados à vida de *labirinteira*. Uma das artesãs foi taxativa em responder: “se fosse viver do labirinto, minha filha, já tinha morrido de fome. A gente trabalha como pode. Se sustenta também com a agricultura e com a ajuda de Deus pra dar conta de casa e menino pra criar.”



Artesãs reunidas em entrevista na sede



Como já dito, as *labirinteiras* costumam ter jornada intensa de trabalho, alternando-se entre as funções de mãe e esposa, os serviços domésticos, o cultivo e o artesanato. A renda familiar é muito variável e muitas desconsideram o labirinto como fonte principal. “O labirinto mesmo ninguém vende todos os meses. A gente conta mais com o roçado e com ajuda do pessoal nosso que tá trabalhando fora e que manda algum dinheiro quando pode.” Muitas delas lamen-



uma felicidade muito grande porque vai aliviar a vida de muita gente aqui.

Impossível ordenar em grau de importância as inúmeras dificuldades que as artesãs enfrentam no dia a dia. Para algumas, o maior problema diz respeito à comercialização. Muito intermitente, concentra-se basicamente na participação em eventos e feiras de artesanato, principalmente

tam não poder se aposentar pelo ofício, que acaba sendo relegado a segundo plano, como se percebe no comentário de dona Zefinha:

A atividade não é regulamentada. Então muitas preferem dizer que são agricultoras porque tem sindicato e dá pra se aposentar. Ai já garante, porque o labirinto mesmo não dá essa chance pra ninguém ainda. No dia em que isso acontecer vai ser

fora da Paraíba. Diversas opiniões surgem na tentativa de entender esse fato. Algumas acham que o estado está saturado do artesanato, dada a crescente oferta de produtos de autoria de outras comunidades que trabalham com esta ou mesmo outras tipologias, como a renda renascença, forçando, ainda, a queda do preço. Para outras, o caso se explica pela grande durabilidade das peças, o que faz com que o consumo diminua.

A nossa maior dificuldade é a comercialização. O dinheiro que entra a gente aplica em material que vai sendo acumulado em casa, mas não tem comprador certo. Numa feira é o período que sai bem. Mas pra ir numa feira demora uns seis meses. E durante esse período ninguém vende, só se aparece alguém por aqui. (Dona Tonha)

Quase todas, porém, concordam que a falta de divulgação dos seus trabalhos a um público mais amplo seja o principal empecilho, ao lado da desvalorização do artesanato por falta de informação sobre a técnica. A maioria prefere não mandar seus produtos para as feiras estaduais, guardando seu estoque para as mostras que ocorrem na região Sudeste, com destaque para Minas Gerais, Rio de

Janeiro e São Paulo, ou na expectativa de que algum turista venha até a comunidade. Quando isso acontece, correm para abrir a Associação carregando suas sacolas cheias de toalhas, jogos americanos e guardanapos há muito tempo guardados para oferecer.

Quando questionadas sobre o valor de venda das peças, algumas mulheres acham que os preços que cobram são justos e ficam satisfeitas com o lucro que têm quando eles são aceitos. Contudo, ainda que o trabalhoso processo de confecção de uma peça seja explicado, no momento da venda, as artesãs sempre encontram alguma resistência por parte dos prováveis fregueses, que questionam o preço final e barganham preços menores.

Nas imediações, há outras comunidades que elaboram o mesmo tipo de trabalho, com qualidade inferior em termos de acabamento e matéria-prima, e vendem seus produtos para atravessadores a preços muito abaixo do mercado. Produtos esses que são revendidos, muitas vezes até sem indicação da procedência. Na própria Chã dos Pereira, ainda há mulheres não associadas que têm nesse esquema a alternativa para ganhar algum dinheiro, a partir da lógica de que é melhor vender barato e ter dinheiro na mão do que ficar com o artesanato encalhado dentro de casa.



Apesar de a renda não se encontrar em situação de risco por existirem muitas *labirinteiras* em atividade, uma preocupação que também já lhes surge é o comprometido repasse dos saberes específicos do ofício para as mais jovens, que estão cada vez mais desinteressadas em aprender a técnica, dados o grande esforço, a baixa rentabilidade e a falta de reconhecimento.

O labirinto é uma coisa muito bem feita. Dá muito trabalho, mas as pessoas não dão o valor que merece. Aí a gente acaba fazendo, deixando pronto e esperando alguém aparecer para comprar. Se isso desestimula a gente que já tá na lida há tempos, imagina a nova geração, que hoje tem outras opções de trabalho. Se fosse terminar e entregar seria muito legal, mas dificilmente acontece. Por isso, muitas se desesperam e vendem a preços muito baixos para os atravessadores. (Dona Zezé)

Mesmo com os desabafos, é notória a importância econômica e simbólica da renda labirinto em Chã dos Pereira. A partir da observação em campo e da análise dos discursos, é importante frisar que os conhecimentos tradicionais adquiridos ao longo da vida distinguem esse grupo quando

se pensa na situação de outras mulheres que não têm o artesanato como alternativa que lhes garanta certa autonomia no sustento de si e da casa.

Apesar das limitações e da atratividade que outros setores de trabalho exercem, a atividade ainda funciona como referência para parte das mais novas. Embora poucas, há expoentes da nova geração, como Gilmara Oliveira, 18 anos, e Renale Mendonça, 15, que, ao lado da escola e do auxílio nos afazeres domésticos, encontram ânimo para se aperfeiçoar no labirinto, aprendido quando ainda crianças



Renale

Renale e sua avó, Tonha



com as mães e avós. Longe de desistir, Renale encontra no artesanato uma fonte de renda enquanto não concretiza o sonho de estudar Educação Física.

Falando em sonhos, mesmo com incontáveis dificuldades, são muitos os anseios das labirinteiras. Dona Zefinha e dona Tonha, líderes do grupo, acreditam que o labirinto tem grandes chances de despontar e promover o desenvolvimento da localidade. As experiências positivas que tiveram ao participar de eventos de promoção e difusão do artesanato em estados como Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo,

precisam fazer por onde, a começar pela organização interna e a reconquista da confiança e recuperação da autoestima das associadas. Tudo para que alcancem a almejada sustentabilidade e a vida digna de *labirinteira*.

Rio Grande do Norte, Pernambuco e Bahia, entre outros, alimentam essas expectativas. Todas querem uma associação estruturada e com associadas atuantes e comprometidas. Desejam pontos de venda dentro e fora da comunidade. São conscientes de que

NOTAS

- 1 Citando os principais: rios Gurinhém, Paraibinha, Surrão, Cachoeira e Bacamarte.
- 2 O antigo nome Ingá do Bacamarte, segundo informações passadas por alguns dos entrevistados, foi dado em alusão ao elevado número de cangaceiros que circulavam pela região.
- 3 Além de Chã dos Pereira, em Ingá há outras duas comunidades que produzem renda labirinto: Pontina e Pedra D'Água.
- 4 Informações passadas pela agente local de saúde.
- 5 Ao lado de João Pessoa, Juarez Távora e Serra Redonda. Segundo Fabio Moraes, designer-consultor do Sebrae, em conversa realizada na ocasião da primeira visita de campo, em julho de 2008, há uma estimativa de quatro mil rendeiras na região que compreende Ingá, Riachão do Bacamarte e adjacências.
- 6 Dentre estes, elas destacam a participação do ArteSol, Sebrae, Banco do Nordeste e o Governo do Estado.

BIBLIOGRAFIA

- BRITO, Vanderley de. A Pedra do Ingá: itacoatiaras na Paraíba. 2. ed. rev. e ampl. João Pessoa: JRC Ed., 2008.
- IBGE. Censo demográfico de 2000. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/default.shtm>>. Acesso em: 10 dez. 2009.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos especiais a Atila Tolentino, Saulo Burity, Umbelino Peregrino, Carmélio Reinaldo, Beliza Áurea.





CONTATOS PARA COMERCIALIZAÇÃO

SALA DO ARTISTA POPULAR | CNFCP

Rua do Catete, 179 (metrô Catete)
Rio de Janeiro – RJ cep 22220-000
tel (21) 2285.0441 | 2285.0891
fax (21) 2205.0090
mercado.folclore@iphan.gov.br | www.cnfcp.gov.br

ASSOCIAÇÃO DAS ARTESÃS RURAIS DE CHÃ DOS PEREIRA

Rua Projetada, s/n
Comunidade de Chã dos Pereira (próximo à creche)
Ingá – PB cep 58.000-380
tel (83) 3394.5004 (Dona Tonha) | (83) 9309.9256 (Dona Zefinha)

parceria regional
Superintendência do
IPHAN na PARAIBA

apoio local
Prefeitura Municipal
de INGÁ

parceria institucional
e apoio financeiro



realização



Cultura
Promoart

Ministério
da Cultura



RIO DE JANEIRO | 11 DE FEVEREIRO A 7 DE MARÇO DE 2010 |
MINISTÉRIO DA CULTURA | IPHAN | CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE
E CULTURA POPULAR | MUSEU DE FOLCLORE EDISON CARNEIRO

